

AFONSO LOPES VIEIRA, O PORTUGUÊS DE PORTUGAL

Exm^{os}. Senhores:

Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Leiria, Dr. Azevedo;

Direct^a. da Biblioteca Municipal Dr. ALV, Dr^a Ângela Pereira;

Director do Arquivo Distrital de Leiria, Dr. Acácio de Sousa;

Mínhas senhoras e meus senhores:

Foi com muito gosto que acedi a um convite conjunto, para me encontrar hoje aqui a comemorar esta data que une esta assembleia de pessoas — os 50 anos sobre a morte do nosso querido poeta Afonso Lopes Vieira [ALV], ocorrida em 25 de Janeiro de 1946. Sem dúvida alguma me agradou que a BML, depositária de grande parte do espólio de Lopes Vieira, e o Arquivo Distrital de Leiria, também ele fiel guardador de algumas memórias da vida civil do nosso poeta, se tivessem unido nestas comemorações.

Mas, pela parte que me toca — e apareço aqui na modesta qualidade de investigadora de um tema literário, que é o próprio ALV — não posso deixar de partilhar duas enormes responsabilidades com que este simpático convite me carregou. Em primeiro lugar, e como investigadora, não posso deixar de relembrar hoje três importantes momentos no historial *post-mortem* de ALV.

Em 1968, a palestra feita na sessão solene da abertura do ano lectivo na antiga Escola do Magistério Primário de Leiria, em 10 de Novembro de 1967, pelo Professor Aníbal Pinto de Castro, editada pela CML, e que deve ser lembrada como um dos primeiros convites feito aos futuros professores do 1.º ciclo do ensino básico, no sentido de divulgarem uma obra, tão naturalmente didáctica e vocacionada para fins pedagógicos, como a do poeta ALV.

Precisamente há 25 anos atrás, em 1971, as conferências proferidas pelo Dr. Américo Cortez Pinto, e os discursos do então director da Biblioteca, Dr. Gentil Ferreira e Sousa, durante as comemorações do 25.º aniversário da morte do grande poeta leiriense. Aí se podem hoje recolher informações úteis sobre todo o historial da BML, sobre a doação do espólio, consumado através da esposa do poeta, D. Helena Aboim Lopes Vieira, e sua inauguração oficial em 30 de Abril de 1955. Faz o Dr. Gentil, nessa data já distante, referência a alguns inéditos de que a biblioteca é depositária, bem com aos preciosos volumes de correspondência com personalidades importantes da época, desde Teófilo Braga a Vitorino Nemésio, passando por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Ramalho Ortigão, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Trindade Coelho, Columbano, Amélia Rey Colaço, Roque Gameiro, António Sardinha, Hipólito Raposo, Teixeira de Pascoais e muitos, muitos outros. Segundo o Dr. Gentil, a CML, e cito, “tem em mente fazer a sua publicação”. Também o Dr. Cortez Pinto nos deixa uma belíssima lição sobre a “arte de ser português” e os moldes em que ALV logrou alcançar essa glória.

Finalmente, em 26 de Janeiro de 1978, quando se completava um século sobre o nascimento do poeta, o então Secretário de Estado da Cultura, Dr. David Mourão-Ferreira, profere uma conferência comemorativa em Leiria, denominada “Acção Cultural de Afonso Lopes Vieira”, em que fica demonstrado, com pena de mestre, o ecletismo da obra de ALV, poeta conhecido, pedagogo reconhecido (adoptado ou repudiado segundo as modas efémeras do tempo), romancista esquecido, fotógrafo amador, cineasta de curta experiência, amante e defensor de toas as artes visuais e arquitectónicas deste país à procura da sua grandeza perdida.

Em 1978, David Mourão-Ferreira concluía o seu discurso com palavras corajosas para o momento conjuntural que então se vivia e, simultaneamente, procurava reavivar a imagem de um poeta que começara a cair no esquecimento. Eis as suas palavras finais: “O missionário de si-mesmo, que ALV incansavelmente soube ser, foi também, e continua sendo, — missionário de todos nós”.

De 1978 para cá alguma coisa se tem feito, encontram-se artigos esparsos em jornais, sobretudo da região, e algumas revistas de índole artística ou literária, mas a maior parte do trabalho encontra-se por divulgar. Estou a referir-me à resposta que os professores da região, (e destaque aqui os do 1º. ciclo do ensino básico, com honrosas excepções de alguns professores do 2º. ciclo do ensino básico, sobretudo os da área de Português e História a trabalhar numa linha de interdisciplinaridade e em projectos que cabem dentro da área Escola), têm dado ao longínquo apelo do Professor Aníbal Pinto de Castro.

São estes professores que fazem com que a obra de ALV continue viva na nossa região. São eles que continuam a ler os poemas de ALV, são eles que ensaiam o “autozinho da Barca do Inferno”, são eles que cantam Cantigas de ALV, são eles que se dirigem à BML e ao Arquivo Distrital para investigarem a vida e a obra de um poeta que continua a dizer-lhes (a dizer-nos) alguma coisa. Sem estes Professores e estes Alunos, a obra do nosso poeta já estaria talvez esquecida. Por isso me parece que, de algum modo, hoje, em 1996, quem deve aqui estar representado, para além de uma pessoa ou de instituições, deve ser essa Escola que tem apostado nos valores culturais da nossa região, independentemente das marés de sorte que colocam alguns poetas na ribalta e enterram outros no esquecimento dos seus livros por folhear.

E já perceberam, portanto, qual é a minha segunda responsabilidade perante vós. A de saber que qualquer uma das personalidades que comemorou ALV após a sua morte, disse já , provavelmente, tudo quanto deveria ser dito e o que já deveria ter sido feito (e grande parte ainda está por fazer...) pela sua divulgação, por um lado; e, em segundo lugar, o facto tão simples de obedecer a um compromisso ético que todo o investigador estabelece consigo mesmo (com a mãe-Cultura?) de partilhar com os outros os dados que vai recolhendo. Ora, os outros, para mim, que me encontro nos primórdios de uma investigação, que desejaria conduzisse a uma dissertação de doutoramento, têm sido sobretudo os muitos professores e alunos com que felizmente me encontro na minha

qualidade de professora da ESEL.

E devo dizer-vos que o simples facto de as pessoas irem sabendo que eu estou a investigar ALV tem recebido um acolhimento tão feliz, que quase me atreveria a concluir que a minha investigação colmata um pouco os desejos de investigação que muitos trazem dentro de si ao longo dos anos e que as correrias profissionais nem sempre deixam levar a bom termo. Desde colegas que descobri pertencerem ao grande número de afilhados de ALV (e nunca mais voltarei a olhar para um Afonso, nascido na região, sem pensar duas vezes na possibilidade de ter sido o poeta a baptizá-lo!), passando por pequenas anedotas ou episódios célebres na região sobre a vida do poeta, até ao contacto com investigadores de diversas áreas desejosos de partilharem com alguém as suas pequenas descobertas, tudo isto tem ajudado a enriquecer o caudal de informações dispersas que recolhi até ao momento.

E é por modestamente vos poder afirmar que já muitas vezes tive que explicar às pessoas que amavelmente se me dirigem, que ando à procura de dados sobre ALV, sobretudo na área literária, mas que não sei, nem pretendo saber, de modo algum, rigorosamente tudo quanto ao homem diga respeito, que volto hoje a explicar-vos que estou aqui, apenas, pelo pouco que até ao momento reuni sobre ALV — figura literária.

Já sem modéstia vos digo que acredito que o nosso poeta talvez não se importasse com esta aparente simplificação da sua obra e dos seus meios de divulgação. Penso que para ele é mais importante que os meninos das escolas continuem a ter vontade de ler os seus poemas ou cantar as suas cantigas, ensaiar os seus autos, e que a Biblioteca e o Arquivo os continuem a receber com a simpatia que testemunhei durante um semestre de investigações nesses locais. Lamentará certamente que a sua Correspondência permaneça por editar, bem como alguns dos inéditos... Espero que me perdoe, a mim, o escusar-me a falar directamente do homem que ele foi, e a substituí-lo por aquilo que deu de si aos outros e que é hoje o único legado tangível — a sua obra.

Imaginei-me a ter que motivar meninos mais velhos do que aqueles de que vos venho falando, para a figura de ALV, e a ideia do vídeo acabou por ser o instrumento de sedução. Se ALV foi quase tudo, e esse tudo nas artes também incluiu o cinema, onde colaborou como adaptador do texto que serviu de guião ao realizador Leitão de Barros, e teve produção de António Lopes Ribeiro, para o *Camões — Erros meus, má fortuna, amor ardente* (filme que estreou no ano da sua morte, e que por isso não chegou a ver), por que razão não partir daí para reflectir um pouco sobre ALV? Esse *Camões* a preto e branco, que António Vilar tão bem pôs em cena, vindo dos fundos da nossa memória, é um Camões alegre e bem disposto, sempre pronto à paixão porque sensível à beleza e predestinado ao sofrimento e a um destino de ingratião. Este Camões de ALV, é a versão romanceada dos nossos próprios desejos e do modo algo desajeitado como sempre temos tratado os nossos génios. ALV dá-nos uma imagem de si mesmo enquanto poeta e, portanto, ser predestinado à melancolia de um sofrimento que magoa e que distingue dos

demais, e uma imagem de um povo que não conseguiu (consegue / conseguirá?) acarinhar condignamente o maior símbolo da sua portugalidade.

Não por acaso, Vitorino Nemésio, que tinha sido apadrinhado por ALV na sua obra de estreia — um livro de contos publicado em 1924 pela Imprensa da Universidade de Coimbra, *Paço do Milhafre* — publica em 1974, como saldo da dívida de gratidão, um conjunto de sete conferências e outros textos proferidos por ALV ao longo dos anos, e nas mais diversas ocasiões, sobre o grande Poeta, Camões, textos que se arriscavam a adormecer profundamente no espólio, ao lado de tantos outros. O livro foi editado pela Parceria A. M. Pereira, e tem como título *Camões na obra de Afonso Lopes Vieira*. Efectivamente, esse conjunto de textos dá-nos uma imagem bem clara do tipo de trabalho que seduzia ALV — uma investigação clara e detalhada, minuciosa e fortemente argumentativa, mas também algo romanceada.

No prefácio que assina para a *Lírica de Camões*, em colaboração com o Dr. José Maria Rodrigues, ALV torna-se o mais apaixonado defensor da tese da Infanta, isto é, a ideia de que grande parte da obra de Camões e o seu platonismo se explicam pela identificação da mulher amada com a Infanta D. Maria, tese que aparece visualizada no filme. Eis as suas palavras:

[...] Para os editores do presente volume da *Lírica de Camões* é, pois, convicção inabalável que a pessoa que inspirou, ou a quem foram dirigidas, tantas e tão principais composições do Poeta, se identifica com a Infanta D. Maria, ilustre filha de el-rei D. Manuel I de Portugal.

Foi ela o *alto pensamento* de Camões.

Por consequência, cremos nós que só partindo-se desta noção se tornará compreensível a *Lírica de Camões* e a própria vida de que a *Lírica* é o transunto imortal.

Ao leitor compete — e esta solicitação fazemos à sua própria inteligência — aquilatá-la, comprová-la e meditá-la sobre *os textos*, fonte principal, e até única da biografia do poeta. [...] (*Lírica de Camões*, p. 95)

Embora remetendo para a obra, ela é entendida como fonte de vida e, por isso, toda a distinção entre vida e ficção fica assim posta em perigo. E é com esta consciência — de que a vida de Camões é a obra que nos deixou — que ALV se permite devanear e criar o Camões vivo mais espontâneo do nosso cinema.

Curiosamente, encontrámos no espólio da BML três folhas manuscritas, a lápis, com caligrafia de ALV, sem data e numeradas, que contêm um diálogo imaginário entre Camões e três das suas hipotéticas amadas: Natércia, Infanta e Dinamene. Gostaríamos de revelar aqui, em primeira leitura, como o nosso poeta romanceou esse grande amor de Camões:

[...] *Camões*

Perdigão... quis subir a uma alta tôrre...

meu alto pensamento...Ah! Porque faz a humana natureza

Entre os nascidos tanta diferença?

Infanta

Luis de Camões, ouve agora o que te diz de além da vida aquela que foi o teu “alto

pensamento” — Por minha causa andaste desterrado e perseguido, por hospícios alheios degradado, e eu não te peço perdão do que te fiz sofrer lá por tão longe. Se tivesses ficado em Lisboa terias sido também o primeiro de todos, mas só os teus dezasseis anos do Oriente te fizeram igual a ti-próprio — e capaz de cantar assim a nossa Pátria. Ah! não fales da diferença dos nossos nascimentos! Camões, tu é que foste o meu Príncipe, e eu, quando li os *Lusíadas*, não fui mais que uma pobre Maria que o teu génio deslumbrou!... [...]

Assim viu ALV a importância da obra na nivelção dos espíritos. Daí que se compreenda o cuidado que sempre colocou em todas as actividades relacionadas com a sua própria obra, desde o aperfeiçoamento dos manuscritos, até à edição cuidada que seguia atentamente na tipografia.

Não é, por conseguinte, de estranhar que ALV tente aplicar a si próprio o método de investigação, e produza uma conferência não datada, intitulada *Portugal nos meus Versos*. Aí, sem “ridícula vaidade de autor”, pois (e cito):

[...] todos os que me conhecem, sabem como julgo que é bem pouco o que tenho feito, e, sobretudo, quanto me ficou sempre aquém do que eu quis fazer [...] (*Portugal nos meus Versos*, p. 195);

submete a sua obra a uma leitura interpretativa, para chegar à conclusão que os seus versos são sempre:

[...] o pobre pretexto para evocar a Portugal que adoro, e tenho buscado servir humildemente e com paixão [...] (*ibidem*)

A paixão camoniana pela Infanta é aqui substituída pela paixão sem limites por um país e seus mitos, que revisita ao longo da sua vida-obra: Coimbra; o culto da História e dos Heróis; a sua belíssima região de Leiria, com o Castelo (cuja reconstrução defendeu, louvando o trabalho de Korrodi), o poeta Francisco Rodrigues Lobo, o rei trovador e a rainha Santa Isabel, os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro; os romances onde aparece inscrito o Amor e a Saudade dos portugueses — o *Romance de Amadis*, *A Paixão de Pedro*, *o Cru*; e a Guerra e a nossa capacidade histórica de resistência. E termina com estas palavras significativas:

[...] A esta crença mística na Alma e no futuro de Portugal chamo eu o *Espírito Lusíada*. E quando Portugal não é assaz dignificado pelos povos que todos devem tanto ao seu heroísmo na História, no Espírito Lusíada nos refugiamos, para cobrar forças novas, nós outros os Portugueses que nas almas guardamos intacta a alma da Nação, tal qual a recebemos dos nossos mortos, a fim de a transmitirmos aos Portugueses que estão por nascer. (*idem*, p. 219)

Esta auto-consciência, que poderíamos dizer sublime, da sua própria produção artística e do seu modo peculiar de estar no mundo, fazem de ALV o responsável pela criação do mito vivo de Camões que hoje todos assumimos em consciência, e o principal arauto de uma série de valores que nos habituámos a confundir com Portugal, o que poderá querer dizer, em última análise, que é ALV quem se funde com esse país amado. ALV foi, pois, o poeta de Portugal, tal como Camões foi o maior Poeta Português. Camões criou o Portugal literário como hoje o conhecemos, ALV ajudou a guardá-lo e reconhecê-lo à

memória do futuro. Assim dizemos dele que foi o Português de Portugal...

Efectivamente, talvez tenha sido ALV quem fez do seu canto, da sua poesia, a melhor fonte de divulgação de alguns dos nossos valores mais tradicionais, e, da nossa portugalidade, glosando temas do nosso Romanceiro Tradicional, ou evocando figuras como as de Dom Denis, Dom Pedro e Dona Inês, Dom Sebastião, o Infante de Sagres, Bernardim Ribeiro, Sórora Mariana, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de Albuquerque, Santo António, e tantos outros.

Gostaria de ler convosco algumas dessas poesias, para vermos como ainda hoje as podemos ler e, nelas, encontrarmos alguma parte de nós próprios, pois talvez seja essa a condição última da leitura — a interpretação, a procura, quem sabe se o reencontro do que vai ficando em nós do passado que é a nossa memória de seres culturais.

Assim, começaríamos com **“Baladas para embalar a minha alma”** (in *País Lilás, Desterro Azul*), onde a poesia é todo o nosso passado, pela voz de uma infância em que se ouviu pela primeiríssima vez uma “Bela Infanta”, a “Nau Catrineta” ou o romance de “Dona Ausenda”, várias lendas de um passado mítico que assim ajudam a construir em nós a sensação de pertença a uma comunidade que, de algum modo, sentimos perdida:

À minha Alma

**Oh minha alma, minha amada,
tu és a bela infantina,
tal uma antiga Menina
em torre escura fechada.**

**E eu sou para ti, na dor
de te amar, o cavaleiro
saído do Romanceiro,
com alto e fiel amor.**

**Assim nos queremos nós,
ao amor a à dor tão prontos.
Ouve, pois, os lindos contos
que eu conto na minha voz.**

**Na doce luz e nas finas
neblinas de Portugal,
serás uma das meninas
debaixo do laranjal.**

**Embala-te a escutar
as vozes vivas da Lenda;
serei o do “bel-cantar”
e tu serás Dona Ausenda.**

**É só para ti que eu canto,
para ti, único amor,
que me consolas no pranto
e que me afinas na dor.**

**Cumpramos até ao fim
o destino português:
o roussinol, que há em mim,
gorgeando o *Era uma vez...***

Oh minha alma, minha amada,

**minha alta e bela infantina,
na toada longa e fina
adormece enamorada.**

**Adormece e sonha (entanto
que eu sofro por ti, oh Linda)
na ilha do teu encanto,
para além da névoa infinda.**

**Até que um dia, expirando
ao dizer-te o adeus de dor,
nos fiquemos esperando
lá no *fim do mundo* , amor!**

A morte já por aqui ronda, mas é entendida como a consubstanciação máxima num ideal de comunhão cultural durável na eternidade, tal como o amor de Pedro e Inês, em cujos túmulos se inscreve essa divisa máxima da saudosa alma portuguesa — “até ao fim do mundo”. Também a sua reescrita da “*Nau Catrineta*” volta a tocar a tecla de um destino marítimo, que nos atormenta, e que temos que cumprir até ao fim:

**Vem da fome e da procela,
e a nau vai enfim varar.
Mas o gran capitão dela
chega a terra, ei-lo a chorar.**

**Chorou a Nau Catrineta
e os perigos de navegar;
e mais a graça secreta
que o Demo tem p`ra tentar.**

— **Pai, — disseram-lhe as donzelas
que estavam no laranjal —
não torneis para as tormentas,
nem para as fomes do mar!**

**Mas o capitão, pisando
a terra de Portugal,
na Catrineta pensando,
sorria só de a lembrar.**

**Beijou as filhas, e ao lume
sentiu o calor do lar;
mas sente e sorve o perfume
da brisa que vem do mar.**

**Com os seus sentou-se à mesa,
bom vinho, farto manjar;
mas come com a tristeza
da ave presa, ansiosa do ar.**

— **Boa é a fome e o Demo lindo,
(disse ele) e é bom naufragar!—
Não pôde mais e, sorrindo,
desce à praia e faz-se ao mar!...**

Esta reelaboração da lição fixada por Almeida Garrett, acrescenta a verdadeira condição mítica do destino de ser português — a grandeza da alma para tão “piquena” terra, o que faz do mar e das ilhas desconhecidas a segunda condição do ser português. Daqui até às saudades de um além que sempre perseguimos, por não termos nunca

firmemente conquistado, vai um pequeno passo.

Assim se compreendem as suas **“Saudades Trágico-Marítimas”** (in *Ilhas de Bruma*), onde o poeta se afirma, por excelência, o vate dessa alma profundamente portuguesa, onde o mar é o princípio e o fim de todos os ritmos portugueses — melancólicos, tristes, saudosos, trágicos, como todos os apelos que, vindos do vago, ao vago regressam:

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Na praia, de braços,
fico sonhando, fico-me escutando
o que em mim sonha e lembra e chora alguém:
e oiço nesta alma minha
um longínquo rumor de ladainha,
e soluços,
de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

São meus Avós rezando,
que andaram navegando e que se foram
olhando todos os céus;
são eles que em mim choram
seu fundo e longo adeus,
e rezam na ânsia crua dos naufrágios;
choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,
choram de longe, em mim, sinais, presságios,
de além, de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Naufraguei cem vezes já...
Uma, foi na nau San Bento;
e vi morrer, no trágico tormento,
dona Lianor de Sá:
vi-a nua, na praia áspera e feia,
com os olhos implorando
— olhos de esposa e mãe —
e vi-a, seus cabelos desatando,
cavar a cova e enterrar-se na areia.
E sozinho me fui p`a praia além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Escuto em mim: — oiço a grita
da rude gente aflita:
— Senhor Deus, misericórdia!
— Virgem Mãe, misericórdia!
Doidos de fome e de terror varados,
gritamos nossos pecados
e sai de cada boca rouca e louca
a confissão!
— Senhor Deus, misericórdia!
— Virgem Mãe, misericórdia!
E o vento geme
no bulcão
sem astros;
anoitecemos sem leme,
amanhecemos sem mastros!
E o mar e o céu, sem fim, além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Ah! Deus por certo conhece
 minha voz que se ergueu, branca e sozinha,
 — flor de angústia a subir aos céus varados
 p`la dor da ladainha!
 Transido, o clamor da prece
 do mesmo sangue nos veio.
 Deus conhece os meus olhos alongados
 onde o mar e o céu deixaram
 um pouco de vago anseio
 nesse mistério longo do seu halo...
 Rezam em mim os outros que rezaram
 e choraram também;
 há um pranto português, e eu sei chorá-lo
 com lágrimas de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Oh meu amor, repara
 nos meus olhos, na sua mágoa clara!
 Ainda é de além
 o meu olhar de amor
 e o meu beijo também;
 se sou triste, é de outrora a minha pena,
 de longe a minha dor
 e a minha ansiedade.
 Vê como te amo, vês?
 Meu sangue é português,
 minha pele é morena,
 minha graça a Saudade,
 meus olhos longos de escutar sem fim
 o além em mim...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Assim se explica, também, a opção deliberada por uma recriação do mito de “**O Encoberto**” (in *Ilhas de Bruma*), como a esperança messiânica de um povo que se recusa a alterar o seu destino, e continua a ver no mar, no nevoeiro, na saudade, nas ilhas encantadas de todas as almas sonhadoras, o único caminho que pode ir dar ao Futuro. O Sebastianismo acaba por ser assumido como uma das mais fortes características da nossa portugalidade e, talvez, como o motor de acção que pode impulsionar o mundo:

Cavaleiro do Sonho e do Desejo,
 guarda no santo Graal,
 com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
 — o sangue de Portugal.

Sonho de além e de glória,
 há tanto, há tanto
 o sonha um Povo inteiro!
 Maravilha e encanto
 da nossa história:
 — oh Manhã de Nevoeiro...

Oh manhã misteriosa
 que alvoreces em nós teu rompante claror,
 teu messiânico alvor,
 manhã de além, alva saudosa,
 — tu és a nossa força que não passa,
 teu sonho em nós revive ao longe e ao perto,
 manhã sem dia, oh manhã de Graça,
 em que há de vir o Encoberto...

**Místico Paladino iluminado,
que ao areal arrastou nossa alma em flor
e jogou a sorrir nosso destino e sorte
ele era vivo antes de Desejado,
ele era vivo em nosso sonho e amor,
— e nunca o levou a morte!**

**Ele é vivo e é eterno! Horas ansiadas
em que eu o sinto, no meu sangue, em mim...
Ele vive nas Ilhas Incantadas
da nossa alma sem fim...**

**E, oh maravilha!
em toda a hora de perigo e do temor,
o Encoberto volta da sua Ilha,
e salva-nos, e salva-nos, Senhor!...**

**E a Esperança imortal,
surda palpita na manhã rompente!
Cerra-se a névoa alucinadamente,
Portugal bóia no nevoeiro...**

**E o Cavaleiro
do Sonho e do Desejo
guarda no santo Graal,
com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
— o sangue de Portugal.**

É claro que toda a visão do mundo e das coisas acaba por ficar deformada por esta mitologia assumida — o amor, a paixão, a natureza, a religião e, por último, a própria escrita. O amor permanece para além da morte, ou melhor, cresce e alimenta-se da própria morte, só ela capaz de metamorfosear a humana Inês, no mito do amor coroado para toda a eternidade:

LINDA INÊS (in Ilhas de Bruma)

**Choram ainda a tua morte escura
Aquelas que chorando a memoraram;
As lágrimas choradas não secaram
Nos saudosos campos da ternura.**

**Santa entre as santas pela má ventura,
Rainha, mais que todas que reinaram;
Amada, os teus amores não passaram
E és sempre bela e viva e loira e pura.**

**Oh Linda, sonha aí, posta em sossego
No teu muimento de alva pedra fina,
Como outrora na Fonte do Mondego.**

**Dorme, sombra de graça e de saudade,
Colo de Garça, amor, moça menina,
Bem-amada por toda a Eternidade!**

E até mesmo a paixão ronda à volta desse mito castrante que faz do passado o presente dos Portugueses. Em “A Noiva” (in *País Lilás, Desterro Azul*), ALV eterniza a paixão de D. Ana, neta de Carlos V e filha de D. João de Áustria por aquele que ela supõe ser o monarca errante — D. Sebastião:

O teu belo amor não passa,
vivo é, e sempre, e agora,
alta princesa e senhora,
Noiva de Sonho e de Graça.

[...]

E a tua boca, no desejo
casto do anseio nupcial,
quis dar o primeiro beijo
na Sombra de Portugal...

[...]

E em sonho a tua alma levo-a,
por tua glória e teu bem,
aos teus Estados de Névoa,
aos Reinos sem fim do Além...

[...]

Teu amor ele ama-o e quere-o,
e, na bruma que o Sol tinge,
já a tua fonte cinge
a coroa do Quinto Império!...

A natureza acaba por se metamorfosear igualmente neste sentimento perturbador de uma realidade que não vale por si mesma, de um referente que só é válido pela simbologia do vago que nele está implícita. Veja-se o poema “**La Mar**” (in *CancioneiroI*):

O mar? Não: la mar,
é la mar, é ela,
é la mar, é bela
para eu a amar.

Com palavras magas
la mar me enamora,
e o meu corpo adora
seu seio de vagas.

Linda e imensa vem
a meus olhos, bela,
e eu adoro aquela
sua alma de além.

La mar dos escolhos,
la mar dos desejos,
la mar dos meus beijos,
la mar dos teus olhos!

[...]

Ou “**O Pinhal do Rei**” (in *Ilhas de Bruma*):

Catedral verde e sussurrante, aonde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar,
ditoso o Lavrador que a seu contento
por suas mãos semeou este jardim;
ditoso o Poeta que lançou ao vento
essa canção sem fim...

[...]

Na sussurrante e verde catedral
 ouço rezar a alma de Portugal:
 ela aí vem, dorida, e nos seus olhos,
 sonâmbulos de surda ansiedade
 no roxo da tardinha,
 abre a flor da Saudade;
 ela aí vem, sozinha,
 dorida do naufrágio e dos escolhos,
 viúva de seus bens
 e pálida de amor,
 arribada de todos os aléns
 de este mundo de dor;
 ela aí vem, sozinha,
 e reza a ladainha
 na sussurrante catedral aonde
 toda se espalha e se esconde,
 e aonde ecoando a cantar
 se alonga e se prolonga a longa voz do mar...

Tudo, enfim, na natureza, desde os búzios à imagem da Santa que o mar leva e devolve, serve de catalisador para esse além que é a raiz do sofrimento e da alma portuguesa. Por isso **“O Roussinol”** (in *Ilhas de Bruma*) aparece como um símbolo da fantasia, da melancolia essencial, que nos define e da coita de amor que permanece desde as longínquas cantigas de amor:

**O Roussinol, na espessura,
 num ramo por sobre a água,
 gorgeia, exala e murmura
 o canto da sua mágoa.**

**Põe-se o silêncio escutando,
 e suspira, ouvindo a endecha;
 e as árvores, ramalhando,
 choram e escutam a queixa.**

**Eis senão quando, de absorto,
 cala o roussinal sua mágoa,
 e lá do alto vem morto
 e vai levado na água...**

**Roussinol, teu canto, ecoando,
 é eterno de graça e de dor:
 amas e choras cantando,
 calas-te e morres de amor.**

No fundo, o tema fundamental, e a partir do qual todos os outros se podem ler como meras reelaborações, é o da escrita que reflecte sobre si mesma, ou seja, aquilo a que poderíamos chamar a “poesia da poesia”, e que se encontra espalhado um pouco por toda a sua obra. Na poesia **“Ilhas de Bruma”** ficam representados todos os símbolos maiores da obra de Afonso Lopes Vieira — a importância fundamental do local da escrita como lugar propício a uma enunciação do tipo saudosista (a casa de S. Pedro de Moel), o refúgio em figuras que simbolizam a relação fundamental entre escrita-amor-sofrimento (Camões, Bernardim Ribeiro), a pátria como elemento fornecedor de toda a temática de escrita

(Portugal, florida alpendurada...) e a alma do poeta como arauto da voz de todo um povo e sua cultura (“Revivei na minha alma, oh velhos temas, / penumbras da claridade”):

**Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m`os deu,
ditava, e eu escrevia.**

**Com saudades no peito me estremece
um roussinol... Canto em mim.
Meu coração gorgoeja e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.**

**Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tão fundo sentimento,
que fui pregador e em prosa
fiz meus sermões de Admiração ao vento.**

**Oh Portugal, florida alpendurada
sobre o mar, coisa saudosa...
Esta é a Pátria ditosa
minha amada, minha amada!**

**Mas as saudades, sob a Lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros de el-rei Dom Denis
e ondas da “Nau Catrineta”.**

**E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Sou o senhor donatário
das minhas Ilhas de Bruma.**

**Revivei na minha alma, oh velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saudade...**

Eis aqui a minha proposta de leitura do poeta que construiu a sua própria poesia como obreiro de um projecto superior a ele-mesmo, e que tinha Portugal como meta derradeira.

Pela mesmíssima razão se entende também a sua obra de divulgação do maior dramaturgo português, Gil Vicente, na sua *Campanha Vicentina* de 1914; assim as restituições do *Romance de Amadis* de 1922, de *A Diana de Jorge de Montemor*, de 1924, o *Santo António* de 1932, a *Paixão de Pedro, o Cru* de 1940; assim os diversos ensaios e intervenções na conjuntura do seu tempo reunidos em 1922 e em 1942 nos dois valiosos volumes que são *Em Demanda do Graal* e *Nova Demanda do Graal*. Por toda a sua obra, melhor, por toda a sua vida, sempre o mesmo amor por tudo quanto pudesse revelar Portugal e a sua cultura.

Como tão bem lhe disse Vitorino Nemésio, numa carta datada de 26 de Agosto de 1931, da Praia de Buarcos, e que se encontra no XIV vol. da Correspondência (quando

muitos pensavam que o seu retiro para as Cortes e S. Pedro de Moel significava um corte radical com a vida literária), o ritmo de Portugal permanecia na sua obra:

[...] Cada vez mais a sua obra me aparece como o desenvolvimento de um tema a que o meu Amigo ficou fiel como ninguém. A sua personalidade nasce tão naturalmente do ritmo da sua vida que ninguém se atreverá no futuro a negá-la. Quantos de nós, artistas portugueses, fizemos ou fazemos o mesmo? [...]

Nada do que era português podia ficar estranho a ALV. Estranho seria que nós, hoje, volvidos que são 50 anos sobre a sua morte, permanecêssemos alheios à sua memória, isto é, às suas palavras. Ora, só através da leitura da sua poesia continuará ALV vivo entre nós, por aquilo que o fez viver 68 anos: ser o português de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAMÕES** — “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, com António Vilar, Eunice Munoz, João Villaret, Carmen Dolores, António Silva, Vasco Santana, Assis Pacheco, Paiva Raposo, Julieta Castelo, Leonor Maia, Augusto Costa, Igrejas Caeiro, música de Ruy Coelho, argumento de Afonso Lopes Vieira, produção de António Lopes Ribeiro, realização de Leitão de Barros, col. Clássicos, Lusomundo, Lx., Preto e branco, duração aproximada de 110 m., 1946, 1992.
- CASTRO**, Aníbal Pinto de, *A Mensagem de Afonso Lopes Vieira*, ed. da Câmara Municipal de Leiria, 1968, 29 pp.
- MOURÃO-FERREIRA**, David, *Acção Cultural de Afonso Lopes Vieira*, ed. do Templo, Lx., 1978, 33 pp.
- NEMÉSIO**, Vitorino (ant. e pref.), *Camões na obra de Afonso Lopes Vieira*, ed. Parceria A. M. Pereira, Lmdª, Lx., 1974, 223 pp.
- VÁRIOS**, *A Biblioteca Municipal Dr. Afonso Lopes Vieira e o 25º aniversário da morte do grande poeta leiriense, Discursos e notas*, ed. Câmara Municipal de Leiria, s.d., 85 pp.
- VIEIRA**, Afonso Lopes, *País Lilás, Desterro Azul*, Sociedade editora Portugal-Brasil, Lª, Lx., s.d., [1922] e *Os Versos de Afonso Lopes Vieira*, Sociedade editora Portugal-Brasil, Lª, Lx., 1927.